

Projeto Brasil Que Nós Queremos é lançado

Políticos, empresários e representantes de entidades civis elogiam pioneirismo do programa, que estimula a cidadania

• O lançamento do projeto O Brasil Que Nós Queremos foi marcado por um consenso entre seus organizadores e os políticos, os empresários e os representantes de entidades que compareceram ontem ao auditório do GLOBO. A iniciativa, segundo eles, abre um canal inédito entre os candidatos à Presidência e a sociedade, que terá a oportunidade de expor suas preocupações e os projetos que considera prioritários para o país.

— Identificamo-nos com o pioneirismo e a inovação desse projeto. É a primeira vez que se faz, numa eleição para presidente da República, uma pesquisa nacional para que a população fale — disse Dílio Penedo, presidente da Embratel Participações.

Iniciativa do GLOBO, da Agência de Desenvolvimento do Rio de Janeiro (Agência Rio) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o projeto é patrocinado pela Embratel.

O diretor de Mercado da Infoglobo Comunicações, Paulo Eholi, explicou o projeto: a partir dos resultados de uma pesquisa nacional feita pelo Instituto Vox Populi, que identificou os mais graves problemas brasileiros, serão promovidos três seminários regionais, com a participação de especialistas e representantes comunitários. O primeiro será em Belo Horizonte, em 13 de dezembro; o segundo em Recife, em 12 de março de 2002; e o terceiro em São Paulo, em 30 de abril. As propostas serão condensadas num documento e entregues em junho de 2002 aos candidatos a presidente.

Tebet: canal de diálogo com a sociedade é fundamental

A meta é promover um debate com os candidatos sobre as propostas formuladas pela sociedade. Para o diretor de Mídia Impressa e Rádio das Organizações Globo, Luiz Eduardo Vasconcelos, o projeto estimula o exercício da cidadania.

— Entendemos que ações como essa fazem parte do principal projeto de um jornal, que é o de desenvolver a cidadania. Para O GLOBO é mais importante ainda, por termos como visão ser o elo entre os diversos segmentos da sociedade — disse.

O presidente do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS), disse que, apesar da crise enfrentada recentemente pelo Congresso, a classe política está se esforçando para corresponder aos anseios populares. Para isso, afirmou, a criação de mais um canal de diálogo com a sociedade é fundamental.

— Vejo nesse projeto uma prova de enriquecimento para



ARTHUR SENDAS (à esquerda), Ramez Tebet, Luiz Eduardo Vasconcelos, Carlos Ivan Simonsen Leal e Michel Temer durante o seminário



HELIO JAGUARIBE (à esquerda), Humberto Mota, da Agência Rio, Dílio Penedo, da Embratel, e Paulo Eholi, da Infoglobo, em outra mesa

"Essa é a importância do projeto O Brasil Que

Nós Queremos: identificar demandas da sociedade e formar um consenso nacional que ultrapasse fronteiras de partidos e candidatos"

HELIO JAGUARIBE
Cientista político

a cidadania brasileira. É uma demonstração de como a imprensa, aqui representada pelas Organizações Globo, tem tomado iniciativas de grandes debates nacionais, com a contribuição da FGV, da Agência Rio e da Embratel — disse.

O projeto aproxima o país das elites dirigentes e das classes populares, na opinião

do presidente do PMDB, deputado Michel Temer (SP). Ele pediu que as conclusões dos seminários sejam enviadas também aos partidos e a integrantes do Legislativo.

— Pela primeira vez no Brasil, em nível nacional, vamos conseguir nas próximas gestões fazer um acasalamento entre o Brasil formal, que é o

"Vejo no projeto uma prova de enriquecimento para a cidadania. É uma demonstração de como a imprensa tem tomado iniciativas de grandes debates nacionais"

RAMÉZ TEBET
Presidente do Senado

Brasil das leis, e o Brasil real, que é o da vontade popular — disse.

Outro objetivo é enriquecer o debate político no ano eleitoral, deixando para segundo plano ataques e acusações entre candidatos, disse o presidente da diretoria executiva da Agência Rio, Humberto Mota.

— A campanha não deve se

limitar a uma escolha entre quem tem mais denúncias ou sabe se vender melhor. Queremos ter ao lado dessas duas vertentes, que devem ser periódicas, uma campanha centrada em temas — disse.

Ressaltando o caráter suprapartidário do projeto, o presidente da FGV, Carlos Ivan Simonsen Leal, disse que o de

Jaguaribe cita os desafios

• O cientista político Hélio Jaguaribe fez ontem um alerta no lançamento do projeto O Brasil Que Nós Queremos. Apesar dos avanços sociais e econômicos alcançados entre 1990 e 2000, o país deve vencer grandes obstáculos se não quiser se tornar, num prazo de 20 anos, uma nação periférica, submissa ao capital internacional.

Jaguaribe, que fez uma palestra sobre os desafios brasileiros, citou estatísticas sobre renda per capita, mortalidade infantil e escolaridade e disse que o Brasil avançou. Afirmou, porém, o país enfrenta problemas que se tornaram gargalos para se promover o desenvolvimento e a soberania nacionais. Entre os problemas estão o déficit nas transações correntes e o comprometimento de 25% da receita líquida da União com pagamento de juros e gastos com a Previdência.

O Brasil também precisa de uma reforma político-partidária e de um sistema eleitoral que gere uma classe política capaz de responder a esses desafios, disse. Outro desafio, destacou ao próximo presidente, é recuperar a auto-estima da população e devolver a ela a certeza de que estamos no rumo certo. As classes dirigentes, disse, também precisam chegar a um programa consensual que não seja interrompido com a alternância de poder.

— Essa é a importância, a meu ver, do projeto O Brasil Que Nós Queremos: identificar demandas específicas da sociedade e formar um consenso nacional que ultrapasse as fronteiras dos partidos e dos candidatos.

de qualificar a classe política e os tipos eleitorais.

— Não temos preferência por um ou outro tipo de política desde que atenda aos três famosos "Es" da administração: uma política pública tem que ser eficaz, política econômica, além de concretizar os objetivos usando o mínimo possível de recursos — disse. ■